

OS IMPLACÁVEIS

Peça em um acto de MANUEL GRANGEIO CRESPO. Publicada em 1961.

[...]

A cena dividida em duas secções, representando «um pequeno e pobre apartamento, quase uma água-furtada».

Alberto, Joaquim, Luciano e Amélia – os condenados – jogam o ritual da vida e da morte, do rosto e da máscara, da verdade e da representação, do amor e do fingimento. No tribunal, em nome de todas as convenções, os Juízes condenam-nos, a eles e a todos os jovens, a tudo, incluindo à morte. Os altifalantes trazem a voz profética da poesia. Nesses sucessivos psicodramas em que as personagens caricaturam a criação artística de carácter burguês e as suas cerimónias de fingimento (incluindo uma entrevista com um jornalista imaginário), as convenções hipócritas da família, por vezes os jogos da mentira transformam-se nos jogos da verdade, os jogos dos sentimentos falsos transformam-se nos jogos do amor real. E, no fim, previsível e implacável, está a morte. Amélia mata Luciano, a quem ama, e o jogo pode recomeçar.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 209-210.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.